

Ex-prefeito quer passar o modelo petista de governar

Patrus diz que o programa do PT é viável quando o poder está comprometido com as coisas boas

José Saralva

O ex-prefeito de Belo Horizonte, Patrus Ananias (PT), viaja amanhã para São Gabriel da Cachoeira (Alto Rio Negro), para levar ao novo prefeito, Amilton Gadelha (PT), a experiência do modelo petista de governar. Segundo Ananias, o programa é inteiramente viável naquele município porque "quando o poder está comprometido com as coisas boas, a sociedade corresponde".

A visita de Ananias faz parte de um projeto do PT de trazer ex-prefeitos para transmitirem suas experiências de administração ao novo prefeito de São Gabriel, a primeira cidade amazônica governada pelo Partido dos Trabalhadores. Nos dias 24, 25 e 26 de janeiro, o PT promoverá um seminário com os eleitos de 3 de outubro: 13 vereadores, três vices-prefeitos e um prefeito para se discutir o programa do partido.

Antes de embarcar para São Gabriel da Cachoeira, Patrus Ananias deu a seguinte entrevista:

A CRÍTICA — Que orientação o senhor vai dar ao prefeito petista de São Gabriel da Cachoeira?

Patrus Ananias — Eu vou passar em São Gabriel da Cachoeira, dizem que é muito bonita... (risos). Na verdade, nós vamos conversar com o prefeito e mostrar a nossa experiência acumulada nesses quatro anos de administração em Belo Horizonte. Vou participar de um seminário de três dias com as lideranças locais e o secretariado do prefeito, quando iremos conversar sobre o modelo.

AC — Como é governar uma capital importante em um país que caminha para o neoliberalismo?

PA — Nós confrontamos na prática o neoliberalismo, porque desprivatizamos o poder. Nenhuma pessoa ou empresa se beneficiou na nossa administração porque colocamos os recursos públicos a serviço da sociedade. Enquanto o neoliberalismo exclui as classes sociais, a marca de minha administração foi a busca de parcerias, desde os catadores de lixo, passando pela construção de creches até empresas públicas e privadas que se dispuseram a colaborar recuperando as praças em troca de marketing. Eu procurei dialogar com os conselhos de classes, tais como as associações de idosos, deficientes físicos, de mulheres. Na questão do abastecimento alimentar, implantamos ações de parcerias com pequenos produtores, eliminando a figura do atravessador que só encarece os produtos. Enfim, procuramos priorizar a pessoa humana.

AC — Na estrutura política e econômica do Brasil é possível implantar o "jeito petista de governar"?

PA — Acho viável, aliás as experiências que tivemos em Belo Horizonte, Rio Branco (AC), Santo André (SP), Goiânia (GO), Ibatina (MG) e Betim (MG) — nesta última consegui eleger pela segunda vez o prefeito —, demonstra que as cidades governadas pelo



Patrus Ananias participa de seminário em São Gabriel da Cachoeira com o secretariado do prefeito local

PT têm dado certo. Até os inimigos políticos reconhecem, porque temos dado prioridade às questões sociais, à prestação de serviços, a democratização, ao orçamento participativo que é marca do PT e a governar sem excluir nenhum setor. Nós priorizamos os setores mais carentes da sociedade e lutamos pela ética e pela democracia na política.

AC — Qual a sua opinião sobre a reeleição para os cargos de presidente, governador e prefeito?

PA — Em princípio, não sou contra. Eu sou contra a maneira como estão querendo aprovar a emenda constitucional. Estão querendo mudar as regras do jogo depois dele ter começado. Acho que esse momento político reflete uma das piores heranças do período da ditadura, que é o casuísmo eleitoral. A maneira como está sendo conduzida a emenda da reeleição com os escândalos de compra de votos, parece que o Governo FHC está querendo arrancar do Congresso Nacional essa aprovação à força. Enfim, o Congresso Nacional não dá mostras de consciência democrática. Agora, se aprovada a reeleição, o Congresso deveria definir regras no Código Eleitoral, que proibisse o abuso do poder econômico proporcionado pelo uso dos recursos

públicos em campanhas eleitorais.

AC — Quem deve ser o candidato do PT para presidente nas eleições de 1998?

PA — O PT ainda está discutindo. Nós não podemos definir agora, porque não sabemos as regras para 1998. Ao que tudo indica serão estabelecidas pela maioria dominante no Congresso e Governo. Nós temos bons nomes, como o presidente de honra, Luís Inácio Lula; os ex-prefeitos de Porto Alegre Olívio Dutra e Tarso Genro. Até lá vamos avaliar as possíveis coligações, por enquanto estamos em reflexão e avaliação no partido.

AC — O que o senhor achou da declaração de José Dirceu (presidente nacional do PT) de que o Partido dos Trabalhadores das origens não é mais o PT de hoje?

PA — Eu não ouvi ele falar isso, nem li nada a respeito. Fiquei sabendo por terceiros, por isso não quero comentar. Agora, o PT vive um grande desafio que é conservar a fidelidade aos princípios que lhe deram origem. Temos o desafio de afinar nossa compreensão com a realidade brasileira. O Brasil é muito heterogêneo. Cada região tem uma realidade peculiar, quanto ao ponto de vista demográfico, ético e cultural. O desafio que temos hoje, a partir das expe-

riências acumuladas, é desenvolver programas viáveis para o País. Transformar nossas utopias em realidade, para isso temos que flexibilizar nossa compreensão.

AC — Partindo desse princípio, qual a sua avaliação sobre as alianças do PT com o PFL e PPB, que ocorreram este ano no interior do Amazonas?

PA — Não é uma questão fácil, porque se fazemos alianças, somos considerados aliancistas, se não fazemos, somos sectários. Eu defendo as alianças, mas desde que se atente para o princípio básico do PT que não é ganhar a eleição por ganhar, mas sim colocar nossos programas mínimos que tem três princípios básicos: ética e moralidade pública na utilização dos recursos públicos; orçamento participativo e projeto de desenvolvimento com melhor distribuição de renda.

AC — O PT é um partido socialista?

PA — O socialismo é uma palavra com diferentes concepções... Por exemplo, não pregamos o socialismo do Leste Europeu que desenvolveu os países sem democracia. Se considerarmos como sendo a consolidação da democracia, prevalência do bem comum, do limite ético do lucro. Assim o PT é socialista porque é comprometido com a dignidade humana.